

O AMOR QUE ATACA (Miguel de Unamuno)

Tradução de Aline da Silva Lopes e Andrea Cristiane Kahmann. Revisão de tradução e prólogo de Rosana Jardim Candeloro.

Unamuno era espanhol. Nasceu em Bilbao em 1864 e faleceu em Salamanca em 1936. Foi Reitor da Universidade de Salamanca por três mandatos e deposto por Franco, durante sua ditadura. Estudou Filosofia em Madri, onde doutorou-se em 1894 e, anos depois, conquistou uma Cátedra em Língua Grega. Foi um acadêmico com posições políticas controversas, chegando a ser deposto, preso, exilado e anistiado em períodos distintos na Espanha. Inicialmente, apoiou a ditadura franquista.

Vale ressaltar que produzia em diversos gêneros literários. Sua visão de mundo estava eivada pela Filosofia, especialmente, pela Metafísica. Estudou os filósofos modernos alemães, destacadamente, a doutrina da Vontade de Arthur Schopenhauer. Traduziu em 1900 para o Editorial 'A Espanha Moderna' um dos livros de Schopenhauer, intitulado em espanhol como *Sobre la voluntad en la naturaleza* (A vontade na natureza).

O pessimismo que exala de seus contos não é de natureza metafísica. Entretanto, Unamuno e Schopenhauer coincidem no sentido de que ambos rechaçam “uma visão otimista do mundo” (RIBAS, s.d., p. 101-113).

O conto que se apresenta aos leitores *O amor que ataca* (*El amor que assalta*), que acompanha a vida de um jovem celibatário, dá azo à doutrina da vontade de viver. Ao encontrar sua amada prometida, a Vontade, cega e imperecível, os une para todo o sempre. Sem spoiler, uma boa leitura a todos!

O amor que ataca

El amor que assalta, o texto-fonte escolhido para esta tradução, está disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cuentos-785998/html/85405adb-40f9-46b7-ac86-fd384da51cdf_2.html#I_6_> Acesso em: 15 mar 2018.

O que é esse tal de amor, de que tanto se fala, e que é o tema quase único dos cantos dos poetas? Isso era o que se perguntava Anastácio. Ele nunca sentira nada que se parecesse ao que chamam de amor os apaixonados. Seria uma mera ficção? Ou então um embuste convencional com que as almas débeis se defenderiam do vazio e do tédio inevitável? Porque, para Anastácio, isto era certo: nada era mais enfadonho e vão, absurdo e sem sentido do que a vida humana.

O pobre Anastácio amargava uma existência lamentável, sem estímulos nem objetivos, e cem vezes se teria suicidado se não aguardasse, com uma obscura esperança, a prova do desengano, de que também a ele, um dia, pudesse visitar o amor. E viajava, viajava em sua busca, pois podia ser que, quando menos esperasse, o amor de repente o atacasse numa encruzilhada do caminho.

Não cobiçava dinheiro, pois dispunha de uma modesta (mas, para ele, mais do que suficiente) fortuna. Tampouco ambicionava glórias ou honras, autoridade ou poder. Nenhum impulso que leva os homens ao esforço lhe parecia digno de empenho de sua parte, e não encontrava o mais leve consolo ao tédio mortal nem na ciência, nem nas artes, nem na política. Lia o *Eclesiastes* enquanto aguardava a experiência última: a do amor.

Anastácio cedeu à leitura dos poetas eróticos, dos que esquadrinham o amor entre um homem e uma mulher, leu todas as narrativas amorosas e desceu até o nível dessas obras lamentáveis escritas para os que ainda não são homens por completo e para os que, de certo modo, o deixaram de ser: rebaixou-se até escavar na literatura pornográfica. E, claro está, que, nesta, ainda menos que em outras, partes encontrou vestígios do amor.

Não que Anastácio não fosse homem feito e direito, inteiro e saudável, e que não tivesse carne pecadora sobre os ossos. Sim, era homem como os demais, mas não havia sentido o amor. Ele não sabia que era amor a excitação passageira da carne que esquece a imagem provocante. E fazer disso o terrível deus vingador, o consolo da vida, o senhor das almas parecia-lhe um sacrilégio tal qual endeusar o apetite de comer. Um poema sobre a digestão seria uma blasfêmia.

Não, o amor não existia no mundo para o pobre Anastácio. Ele lia e relia o mito de *Tristão e Isolda*, e aquele terrível romance do português Camilo Castelo Branco, *A mulher fatal*, fazia com que se perguntasse: “Comigo acontecerá o mesmo? Será que, um dia, de repente, a mulher fatal me arrastará atrás de si?”. E viajava, viajava em busca de tal fatalidade.

“Chegará um dia — dizia a si mesmo — em que eu acabe por perder essa sombra de esperança de encontrar o amor. E se me chegar a velhice sem que eu tenha conhecido a mocidade e a idade viril? E o que farei se, então, tiver de reconhecer que nem vivi, nem poderei seguir vivendo? É uma sina terrível esta que me persegue! Ou será o amor uma mentira, um conchavo de todos os demais?”. Anastácio tornou-se um pessimista.

Nem mulher alguma jamais lhe inspirara o amor, nem ele acreditava tê-lo inspirado. Se era mesmo amor aquilo que cantavam os poetas, muito mais pavoroso que não poder ser amado parecia-lhe o não poder amar. Mas como ele, Anastácio, poderia saber se não havia provocado uma paixão escondida em algum coração de mulher? Acaso uma bela estátua não poderia acender um amor? Porque ele era, como estátua, realmente belo. Seus olhos escuros, cheios de um fogo de mistério, pareciam espiar lá do fundo tenebroso de um tédio repleto de ânsias; sua boca se entreabria como acometida por uma sede trágica; tudo em seu ser parecia palpar um destino terrível.

E viajava, viajava desesperado, fugindo de todos os lados e deixando cair seu olhar sobre as maravilhas da arte e da natureza enquanto indagava: “Para que tudo isso?”.



Em uma tarde serena de um outono tranquilo, as folhas amarelentas desprendiam-se das árvores e, envoltas na brisa cálida, roçavam as ervas do campo. O sol se ocultava em um

véu de nuvens que se desfranjavam e se desfaziam em retalhos. Anastácio olhava pela janela do vagão o desfile das colinas.

Desceu na estação de Aliseda, onde faziam uma parada para que os passageiros pudessem comer, e foi-se ao refeitório da pensão, cheio de malas. Sentou-se e esperou que lhe trouxessem a sopa. Enquanto seus olhos distraídos recorriam a fila de comensais, tropeçaram com os de uma mulher que mordiscava uma maçã grande, fresca e úmida. Cravaram um no outro seus olhares; empalideceram, e, ao se notarem empalidecendo, empalideceram ainda mais. Palpitavam-lhes os peitos; Anastácio sentiu pesarem-lhe as carnes e um frio formigamento o desassossegava.

Ela apoiou seu rosto na mão direita e pareceu desfalecer. O restante do refeitório pareceu se dissipar, e Anastácio não enxergava nada além daquela mulher. Hesitante, levantou-se, acercou-se a ela, e com a voz seca, sedenta, aflita e trêmula, cochichou-lhe quase ao ouvido:

— O que aconteceu? Está passando mal?

— Oh, nada, nada... Não é nada. Obrigada!

— Deixe-me ver... — acrescentou, e, com as mãos trêmulas, agarrou-lhe o punho para medir-lhe a pulsação.

Foi então que uma corrente de fogo passou de um a outro. Ambos sentiram os ardores, o enrubescer das faces.

— A senhora está febril... — ele balbuciou de modo quase imperceptível.

— A febre é... sua! — respondeu ela, com voz que parecia vir de um outro mundo para além da morte.

Anastácio precisou sentar-se; seus joelhos se dobravam ao peso do coração que batia arrebatado.

— É uma imprudência seguir caminho assim — ele disse, maquinalmente.

— Sim, ficarei — respondeu ela.

— Ficaremos — arriscou ele.

— Sim, ficaremos... E eu vou explicar tudo! — acrescentou a mulher.

Juntaram suas malas, entraram em um carro e empreenderam novos rumos no povoado de Aliseda, distante cinco quilômetros da estação. E no veículo, sentados um frente ao outro, tocando-se os joelhos, revolvendo seus olhares, a mulher tomou as mãos de Anastácio e pôs-se a contar a sua história, que era igual à dele — exatamente a mesma história! Ela também viajava em busca do amor; ela também suspeitava que o amor não passasse de um embuste convencional para esquivar o tédio da vida.

Confessaram-se um ao outro, e conforme se confessavam, acalmavam-se os corações. À trágica turbção de um princípio, sucedeu em suas almas uma terrível quietude, uma espécie de dissociação. Imaginavam conhecer-se desde sempre, desde antes de nascer; mas, a um só tempo, todo o passado se apagava de suas memórias, e viviam como em um presente eterno, fora do tempo.

— Ai, se me tivesses aparecido antes, Eleutéria! — ele suspirava.

— Por que, Anastácio? É melhor assim, que não nos tenhamos visto antes.

— E o tempo perdido?
— Chamas de perdido a esse tempo em que nos dedicamos a encontrar-nos, a ansiar-nos, a desejarmos um ao outro?

— Eu já estava quase perdendo a esperança de te encontrar...
— Mas se perdesse a esperança, acabarias com a tua vida.
— É verdade.
— E eu teria feito o mesmo.
— Mas de hoje em diante, Eleutéria...
— Não vamos falar do futuro, Anastácio; o presente nos basta!

Os dois calaram. Por trás do êxtase que lhes invadia, soava o estranho rumor das águas de um abismo sem fundo. Não era alegria, não era gozo o que flutuava pela seriedade trágica que envolvia os dois.

— Não vamos pensar no futuro — ela continuou — nem tampouco no passado. Nem um nem outro importam agora. Encontramos o amor, e isso basta.



— E agora, Anastácio, o que dizes dos poetas?
— Que mentem, Eleutéria, que mentem... O amor não é nada daquilo que eles cantam...

— Tens razão, Anastácio. Agora eu sinto que o amor não se canta.

E, entre eles, fez-se outro silêncio, um silêncio longo, em que, de mãos dadas, permaneceram olhando-se nos olhos como se estivessem buscando, no fundo destes, o segredo de seus destinos.

E depois começaram a tremer.

— Estás tremendo, Anastácio?
— Tu também, Eleutéria?
— Sim, trememos os dois.
— De quê?
— De felicidade.
— É coisa terrível esta felicidade; não sei se consigo resistir a ela.
— Isso significa que a felicidade é maior do que nós dois.



Trancaram-se em um sórdido quarto de uma vulgaríssima pensão. Todo o dia seguinte e parte do outro transcorreram sem que o casal desse sinal de vida. Alarmado por não obter resposta a seus chamados, o dono da pensão decidiu forçar a porta; encontrou os dois na cama, juntos, nus, gelados e brancos como a neve. O médico perito assegurou que não se tratava de suicídio, como assim se conhecia, e que deviam ter morrido do coração.

— Mas... os dois? — exclamou o dono da pensão.

— Os dois! — respondeu o médico.

— Então, isso é contagioso!... — e levou a mão ao lado esquerdo do peito, onde supunha ter seu coração de dono de pensão. Tratou de ocultar o episódio, temendo que seu estabelecimento ficasse mal afamado, e resolveu desinfetar o quarto, por via das dúvidas.

Os cadáveres não puderam ser identificados. Levaram-nos dali ao cemitério e, nus e juntos como foram encontrados, jogaram-nos em uma mesma cova e, por cima, terra. Sobre essa terra cresceu relva, e chove sobre essa relva. Do céu, que lhes levou à morte, vem o único pranto sobre esse túmulo.

O dono da pensão de Aliseda, refletindo sobre aquele fato inacreditável — “ninguém tem mais imaginação do que a realidade”, dizia-se -, chegou a uma profunda conclusão de caráter médico-legal, que resmungava para si mesmo: “Estas luas-de-mel!... Não devia ser permitido que os cardíacos casassem entre si”.

Referência (do prólogo):

RIBAS, Pedro. Unamuno y Schopenhauer: el mundo onírico. A.L.L.E., Madrid, n. 12, s.d., p. 101-113.